

ENTREVISTA
Experiências educativas,
Interculturalidade e
Compartilhamento
de saberes

Entrevista

*Experiências Educativas, Interculturalidade e Compartilhamento de Saberes**

Entrevistadora:

Patrícia Goulart Pinheiro, licencianda em Biologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Entrevistada: Mestre Griad Maria Elaine Rodrigues Espíndola: mulher negra e ativista social, atua na MOCAMBO – Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores, organização voltada à preservação das memórias e culturas afro-gaúchas, considerada instituição de preservação do patrimônio cultural imaterial da cidade. Possui reconhecimento como Griô pelo Projeto Museu Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-Brasileira/Programa MONUMENTA (2009) e pela Câmara Municipal de Porto Alegre (2010). Professora aposentada, é filha de Mariazinha, fundadora da Ala Verde que te quero Rosa da Escola de Samba Praiana. Milita em diferentes espaços políticos e culturais porto-alegrenses, tais como: Orçamento Participativo, Associação de Remanescentes de Quilombos, Programa Quilombolas em Rede, Conselho Local de Saúde, Piquete O Mocambo dentro do Acampamento Farroupilha de Porto Alegre. A MOCAMBO é parceira, na comunidade da UFRGS, em atividades de extensão do Programa Territórios Negros: Patrimônios Afro-Brasileiros em Porto Alegre, atuando com professores e estudantes em formação inicial e continuada. Igualmente atua nas atividades de ensino, como Mestre Griad, na disciplina Encontro de Saberes.

*A entrevista faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Patrícia Goulart Pinheiro, concernente à temática da flora no ensino de biologia, articulada aos saberes tradicionais e à educação das relações étnico-raciais, sob a orientação das professoras Russel Teresinha Dutra da Rosa e Carla Beatriz Meinerz.

Entrevista constituída através de gravação e transcrição.

PGP: Conte sobre a história de sua vida e a importância do contato com as plantas. O que a senhora aprendeu quando era mais nova e carrega até os dias de hoje?

MERE: Nasci em Porto Alegre, mas eu tinha minha avó no interior. Então, a gente ficava naquele vai e vem. Quando minha mãe teve o segundo casamento, ela veio para a cidade, e eu fiquei com a avó. Depois eu vim também para a cidade. Eram outros tempos. Então, eu tenho muito do interior dentro de mim. Eu tenho uma interioridade que me remete também ao contato com as plantas, que aprendi com minha avó. Essa coisa do respeito, por exemplo, de pedir licença para a própria planta, ou seja, se tu tens que arrancar uma folha para um chá, pedir licença para a planta. Igualmente esperar a questão do sol, no momento certo para o sol e para a planta. Ou aquelas questões do sereno. De também conhecer as benzeduras, saber colocar as ervas medicinais no telhado para que o sereno também faça a sua parte, no processo de cura. Todas essas coisas eu vivenciei. E agora conto sobre elas. Até um tempo atrás, contava para as minhas gurias (filhas) essas coisas que eu vivenciei.

Existe também a questão do poder que está dentro de alguns de nós. Todos têm, mas parece que alguns possuem algo mais especial, um poder de transmitir a paz e a tranquilidade, inclusive no toque da mão. E se tu vais consultar um médico, podes sentir se ele é capaz de compreender a tua ancestralidade, através de uma áurea que está ali. Há médicos que tu não consegues alcançar nesse entendimento. Ele fala contigo, mas tu não absorves. Até naquela capacidade de ensinamento que ele tem por ser técnico ou por ser um bom médico. Porque é alguma coisa que ele não passa para ti. Mas tem outros que possuem o que a gente chama de simpatia, empatia. Esses médicos olham para ti, parece que te veem com um olhar, tu sentes que se faz uma troca. Ele respeita o teu corpo e o teu conhecimento. Ele trabalha até com a medicação, por mais química que possa ser, mas ele procura adaptar para ti e te dizer por que é importante. Em paralelo, porém, ele não destrói a tua crença. Ele diz: “O que a senhora gosta de tomar?”; “Olha, esse chá aqui a senhora até pode tomar, mas tome um pouco menos”.

O médico que está me tratando, agora, diz a mesma coisa: “A senhora pode ir muito aos poucos agora; na medida que evolui, a senhora vai estar mais preparada até para reabsorver todas essas coisas que o alimento lhe dá. Nesse momento, isso não é capaz de ajudar, porque a senhora está muito machucada por dentro. Então, assim, tome coisas que a acalmem”. Para o médico, não é só o espírito, existe a cabeça. Ele reconhece que eu preciso tomar um chá de camomila ou um chá de cidreira para acalmar os meus nervos, pois o próprio organismo precisa ficar calmo. O médico entendeu que esse chá, essa composição, esse princípio ativo do chá vai fazer com que eu não sinta mais dores. Então, não é uma reza, mas uma prática baseada nos conhecimentos e que, provavelmente, ele também tentou buscar, como muitos pesquisadores fazem ainda hoje. Então na própria planta está o ensinamento. É o paralelo.

Nessa questão da Biologia e dos saberes das plantas, do encontro com os saberes dos mestres, do saber popular, está muito intrínseca a relação com o capitalismo. Eu digo que o comércio, essa coisa cruel do capitalismo, ela não te deixa mais seguir por esse caminho do saber tradicional. As pessoas dizem assim: “Tu só acreditas em chá. O chá não vai te levar a nada”. Eu afirmo que não é só acreditar, pois também precisa ter o conhecimento para fazer uso desses saberes com cuidado, fazer a prevenção. O chá, as ervas, tudo isso é a prevenção. Porque na cultura do povo, em geral, tu primeiro tomas o chá, tu te benzes, tu buscas o outro que tenha uma reza e um bom olhar para aquilo, que te acalme e te melhore. Mas também tem um momento que a própria cultura popular te encaminha para outro saber que complete. Só que tem que lembrar que um saber não é maior que o outro, não é melhor que o outro. E é isso que a gente não está conseguindo, acho, sentar num círculo, num local e ter um fórum que possa debater isso.

As Universidades, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tiveram essa sensibilidade quando lançaram a disciplina chamada “Encontro de Saberes”. Outros rumos estão se fazendo com os decretos e as ações afirmativas. A universidade é dirigida por homens e mulheres, e alguns viram o momento de mudar. Essa foi a beleza dessa disciplina, de aproximar o acadêmico e a questão desse outro conhecimento e mostrar que existe lugar para os dois. A mesma coisa com o exemplo da medicação, há lugar para os dois: o chá e o remédio.

Na saúde pública, é preciso falar das práticas religiosas. Eu tive a honra de fazer parte dos acordos e das negociações, dentro de um Grupo Hospitalar em Porto Alegre, que dispuseram sobre a presença de Babalorixás dentro de seus espaços de atendimento. Observamos um dos primeiros hospitais da rede pública de Porto Alegre que, após muitas denúncias, permitiu isso. Sabemos de denúncias sobre pessoas que chegavam lá com as suas guias, seus pedidos de proteção e as suas coisas de benzedura, tendo tudo arrancado delas, com casos de óbito, porque havia o sentimento de estar desprotegido daquela entidade. E as pessoas não podiam receber alguém que fizesse parte de sua prática religiosa. Então, o hospital criou um local e uma data que permite a entrada do Babalorixá para fazer a prática religiosa para aquele doente que pede. Isso é independente dessa coisa ecumênica, ou seja, pode ter o pastor, mas também a religiosidade africana é praticada, quando o paciente pede.

Isso tudo é questão da nossa cultura, da nossa ancestralidade. Eu vou me reportar para a essa cultura, em geral, no aspecto rio-grandense, lembrando as práticas que eu via a avó fazer e falar, mas também vou tratar da política afirmativa nessa questão racial, da igualdade. Por isso que a gente não pode desistir, mesmo quem leva algumas cacetadas. Não pode desistir de ter a sua identidade negra como igual.

Muitas vezes a gente sai amassado de um lugar de fala. Mas quando a gente sai amassado, deve dar um passo atrás e ver: “Qual é a metodologia que tu usaste?”; “Não vais te entregar!” E tu vais ter que traçar um modo de andar ali por dentro. E esse modo de andar está relacionado à luta para que o outro te aceite, sem esquecer que também tens que aceitar o outro. Essa é a coisa mais importante, para que ele também se sinta respeitado, e que tu possas achar uma brecha na própria fala dele para colocar o teu modo de ser. Isso leva tempo. Essa é a fase da sensibilização, nela a gente não conseguiu evoluir totalmente. Porque eu acho correto os embates e contrapontos, mas se tu fazes a discussão dentro das leis, e a pessoa não está preparada para entender esse processo, a tendência da sociedade parece ser contra.

PGP: *A senhora tem lembranças do uso da arruda e das folhas de louro como proteção.*

MERE: Lembranças disso? Sim! A folha de arruda nessa cidade grande, às vezes, a gente fica sem o hábito, fica meio esquecida... porque esses tipos de perfumes te deixam voltar para trás.

No mês passado, veio de Goiás um irmão meu, justamente depois de tantos anos, veio para se sentir fortalecido. E estava todo mundo com um galinho de arruda esperando ele, até para ele se sentir em casa de novo. Mas, no dia a dia, deixa de ser hábito. Como o chimarrão, a gente até toma, porém quando tem muitas coisas para fazer, não dá tempo, tu esqueces e deixa de ser hábito. E quando tem alguém que te acompanha, te chama, tu até fazes, mas não como uma religiosidade, de todo o dia. A arruda era para tirar os quebrantos, o olho grande, principalmente. Para a criança, a questão do quebranto se relaciona com abrir muito a boca, pode ser até um ato do próprio organismo, como arrotar, por exemplo. Para nós é quebranto e vamos benzer, com arruda.

Esses dias, foi muito bacana, pois minha filha contou que o nenê de uma colega estava muito irritado, muito isso, muito aquilo. Essa colega mandou pedir aqui, dentro daquelas práticas, para tentar ajudar esse seu bebê. É uma pessoa que trabalha no meio da medicina e não quer dar medicamento para a criança dormir. E recorre a isso. Então, isso está muito presente no cotidiano e a gente não sabe. Há essa vontade de descobrir onde tem uma benzedeira, onde tem alguém que te tire a questão da má-vontade, da palavra má, do olho grande. Porque o médico te olha num formato, observa, escuta e sente, mas tem outras buscas, outras formas de ajuda.

PGP: *Na Biologia a gente tem dois conceitos: o de Conservação e o de Preservação da Natureza. Há alguma relação desses conceitos com a Cosmovisão Africana?*

MERE: Tem a questão do meio ambiente. Na Mocambo a gente faz essa busca e esse resgate. A gente busca essa presença da natureza, com toda essa teimosia de manter – nem que seja uma arvorezinha ali – para dizer

que quando tu passas por essa Cidade Baixa, tu não imaginas o que tem lá dentro. De almas, de vidas que passaram por ali, dos que lutaram e também são resistência ali, assim como de uma pequena planta que resiste ali dentro. Porque lá fora tem aquelas árvores que se adaptaram com a rua, estão sufocadas pela fumaça dos carros; porém, lá dentro tem umas que tentam ficar purificadas. São plantas que tu precisas lavar bem para fazer um pequeno chá. Tu lavas bem e ainda consegues um chá. Esses dias tive a questão de precisar do chá quebra-pedra por causa dos rins, ali tinha ele. Tu conheces quebra-pedra? Começas a notar que eles quase não nascem mais nas calçadas e nos paralelepípedos? Pelo contrário, está nascendo uma plantinha bem pequeninha, magrelinha, assim baixinha, bem parecida com ele. Se tu não conheces, acaba não respeitando a planta. E tu pegas errado. Então, eu sempre ensinei meus filhos a conhecerem as coisas pelo cheiro. Conhecer as coisas que estão se deteriorando. E também usar os sentidos. O cheiro é algo que se detecta muito antes da mão abrir, porque pode estar escondido e tu não vês. Deves usar os olhos e ir também pelo cheiro: “Hum, parece que não está muito bom...” Daí tu olhas a outra parte, para ter certeza. Então, essas coisas, do cheiro, do olhar, elas estão muito próximas das questões dos nossos ancestrais que vieram da África. Eu uso o exemplo do cidró e da citronela, porque elas são parecidas e tu precisas cheirar para perceber a diferença. São sentidos que tu tens que usar, fazem parte de ti, nascem contigo e tu desenvolves eles no mundo.

PGP: Mestra, obrigada pelo compartilhamento desses profundos saberes, em conexão com sua ancestralidade.